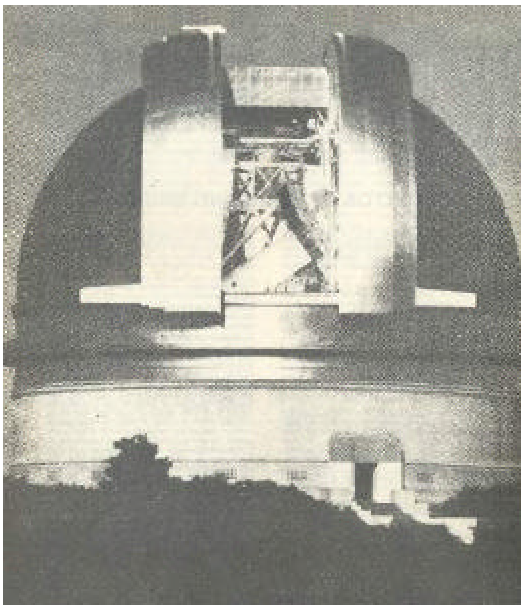
http://dennymarquesani.sites.uol.com.br/semana/agnosede.htm

A Gnose de Princeton

A Gnose de Princeton
os cientistas à procura de uma religião

Olavo de Carvalho
Revista *Planeta # 57*, junho de 1977

Os cientistas à procura de uma religião



O telescópio de Monte Palomar, Califórnia. (USIS)

Trinta anos atrás, quem quisesse argumentos contra a ciência materialista podia encontrá-los nas formas mais antiquadas — e mais frágeis — de conhecimento: na tradição religiosa, nos argumentos dos filósofos

especulativos, no protesto subjetivo do artista, em tudo, enfim, que se englobava sob o nome de «humanidades».

Na opinião vigente — e tão vigente que provocou alterações nos nomes de algumas instituições de ensino superior —, a grande revolução mental do século 20 consistiu na liquidação dessas «humanidades» e em sua substituição pelas «ciências humanas», de base materialista. Inspirada em Marx, Freud e Saussure, a redução da revolução espiritual a uma superestrutura da história econômica; das normas éticas a superestruturas da repressão dos instintos; e do pensamento em geral a uma superestrutura da língua, teria fornecido a base material e objetiva que permitiu elevar as especulações sobre o ser humano ao nível do conhecimento científico. Na opinião geral da *intelligentsia,* a partir dessa redução das «ciências humanas» nada mais devem, em rigor e exatidão, ao. seu antigo modelo, a saber, a ciência física.

Bem, enquanto os antropólogos e lingüistas se ocupavam em modelar sua ciência pelo nível da ciência física, esta se ocupava de tarefa mais proveitosa: revia suas próprias bases. Assim, nas últimas décadas, operou-se, no interior do conhecimento físico do universo, uma verdadeira revolução — e, ao contrário da dos lingüistas, uma revolução silenciosa. No retiro dos seus laboratórios, a mais refinada elite da ciência norte-americana (que não inclui só norte-americanos, mas japoneses, russos, italianos etc.) chegava à conclusão de que não só a hipótese materialista não bastava para explicar uma quantidade crescente de fenômenos, mas que essa quantidade crescente de fenômenos convergia irremediavelmente em favor da hipótese contrária. Que a moderna astrofísica requeria uma teoria baseada na compreensão da totalidade do real, ou seja, uma teologia. Quem diz não sou eu. Extraio a afirmação de um livro recente do biólogo e filósofo francês Raymond Ruyer (1). Mas quem diz também não é Raymond Ruyer. Ele apenas reproduz o que ouviu de centenas de astrônomos e físicos agrupados nas universidades de Princeton, Pasadena e Stanford e nos observatórios de Monte Palomar e Monte Wilson. Nos últimos doze anos, as descobertas sucessivas da cosmologia levaram esses cientistas não só a formular explicações não materialistas, mas a agrupar essas explicações num sistema teológico coerente e, enfim, a fundar nada menos que uma seita religiosa: a *gnose de Princeton.*

Não se trata de uma metáfora destinada a sublinhar a coincidência fortuita de algumas crenças religiosas com algumas verificações da ciência experimental. Trata-se realmente de uma religião, com todos os elementos que compõem uma religião, que compõem todas as religiões existentes. A saber: (1) uma interpretação da totalidade, e do lugar do homem nessa totalidade; (2) uma

história do universo, da sua criação e da criação do homem; (3) uma explicação dos fundamentos espirituais desse universo; (4) uma explicação das relações entre esses fundamentos espirituais e a matéria; (5) uma «teoria de Deus», ou seja, uma teologia; (6) uma teoria a respeito do homem: uma antropologia e uma psicologia filosófica; (7) uma teoria sobre como deve ser a vida humana para enquadrar-se harmonicamente no plano de Deus: uma ética; (8) normas práticas para a realização da vida harmoniosa: uma sabedoria e uma fé.

Uma religião, realmente. Com uma única diferença: nenhum dos conhecimentos que a fundamentam foi obtido pelos meios habitualmente considerados «mágicos». Derivam de observações estritamente científicas, — daí o nome, *gnose* — que começaram pela necessidade de ultrapassar os paradoxos implícitos da ciência materialista. Por exemplo, o famoso «paradoxo de Olbers».

Paradoxos

Para o cientista materialista, a crença de que o universo «foi criado» não passa de uma projeção da crença infantil de que tudo o que existe «foi feito» por alguém, no sentido em que a criança pergunta «quem fez» as batatas e os gatos e as nuvens. Em contraposição a essa crença infantil, a ciência ocidental desenvolveu a idéia de um universo eternamente estável. Acostumamo-nos, desde os gregos, à idéia de «leis eternas», em função das quais o universo pode sofrer alterações locais, permanecendo, no entanto, sempre o mesmo, com as mesmas leis valendo em toda parte, mal grado as diferenças na sua «aplicação» concreta, aqui e ali.

Entretanto, essa idéia leva a contradições. Por exemplo (e este é o paradoxo de Olbers), se o universo fosse estável, o céu, à noite, não seria preto; seria permanentemente branco em todas as direções. Já Mach e Einstein sabiam disso, e admitiam que as leis físicas não poderiam ser extrapoladas ilimitadamente, e que, de um ponto qualquer em diante, deveria terminar o que chamamos de «universo» e começar, digamos assim, outra coisa. Isto não era mais que uma previsão. Nos últimos 25 anos, ela foi confirmada. O astrônomo norte-americano Hubble descobriu que os astros mais longínquos se tornam progressivamente mais vermelhos, o que resulta no seguinte: a partir de uma certa distância, o avermelhamento é infinito, e *nenhuma luz recebemos desses astros. Aí está por que o céu, de noite, é preto.* E se as leis que valem dentro deste universo não valem para esse «além», conclui-se que

as leis físicas não são ilimitadas nem eternas, que existe um fim e existiu um começo, que a história cósmica é um fato.

Mas é só um exemplo. O livro de Ruyer alinha dezenas de outros paradoxos que emanam do simples fato de que os postulados da ciência materialista, ultrapassados determinados limites de observação — no sentido do infinitamente grande ou do infinitamente pequeno —, conduzem a contradições. E que, na medida em que esse infinitamente grande ou infinitamente pequeno influencia, de um modo ou outro, os fatos ocorridos *dentro* do nosso campo de observação — e é forçoso reconhecer que o fazem, já que esse campo está *dentro* da realidade total —, então é preciso rever as nossas «leis eternas» em função dessa realidade total. E isto é fazer teologia.

É impossível resumir esses exemplos, de um livro que, por si, já resume um pensamento coletivo da mais alta complexidade. (Esperamos que o livro de Ruyer venha a ser traduzido em breve.) No entanto, também não é preciso muitos exemplos: basta mostrar *por onde os neognósticos começam* a atacar com vigor a ciência materialista. E não é em nenhum conhecimento específico e complicado, mas na base mesma, no fundamento metodológico da ciência materialista: na noção de «objeto» .

A noção de objeto

o conhecimento científico começa ao estabelecermos a objetividade da coisa examinada, despindo-a das qualidades que o nosso eu subjetivo lhe atribuiu sem estarem nela. Por exemplo, o animal ao qual atribuímos sentimentos de tipo humano. O primeiro requisito para conhecer esse animal e descascar esses sentimentos, descobrindo (no sentido etimológico) por baixo deles o animal-objeto.

O materialismo surgiu de um esforço desse tipo. Descascando projeções subjetivas, foi transformando em objeto todo o mundo em torno, todas as coisas e seres, inclusive o homem. Quer isto dizer que o único conhecimento científico é o objetivo? que tudo, realmente, ou é projeção ou é objeto? que a única opção é ser materialista ou não ser científico? Não. Pode-se ser *mais* científico do que materialista. Porque este leva seu esforço de depuração até um certo ponto, e pára. Se continuarmos, se levarmos o processo adiante, se examinarmos e depurarmos não só o mundo, mas nossa própria consciência,

os pressupostos, os *a priori,* as projeções subjetivas da consciência materialista, então chegaremos a conclusões surpreendentes.

Por exemplo: que o materialista privilegia, sem justificar-se, a percepção visual sobre todas as outras formas de conhecimento, e a transforma em juiz de todas essas outras formas. De fato, para o olho, tudo o que não é olho é objeto. Então, ser objeto não é necessariamente o modo de existir das coisas mesmas, mas o modo de elas surgirem diante dos *nossos* olhos. Ou seja: as coisas são objetos *para o olho,* mas podem não ser objetos *em e para* si *mesmas.* Para si mesmo, o objeto pode ser exatamente o que o olho é para o próprio olho: consciência.

Tudo o que podemos ver com o olho é objeto. O erro do materialismo consiste em concluir, daí, que tudo *é* efetivamente objeto, ou seja, nas palavras de Ruyer, ele «transforma o mundo num subproduto da nossa maneira de construí-lo». O materialista transforma tudo em objeto pelo simples fato de que *ele* é um observador, alguém que está de fora, um *sujeito* exterior. O que não se compreende é por que a visão de fora seria mais verdadeira ou legítima do que a visão de dentro. Assim, o materialista não pode perceber a existência de nenhuma outra consciência além da sua mesma, que se transforma no único sujeito. Ê só por comparação e dedução que ele pode conceder aos outros a possibilidade (mas não a certeza) de possuírem uma consciência semelhante à sua.

Delírio materialista

Para a gnose de Princeton, isso é um delírio solipsístico, que só vê, do mundo, aquilo que o nosso raciocínio construtivo consegue projetar nele: sua objetividade. A neognose, inversamente, começa quando descascamos o mundo dessa objetividade fabricada e passamos a pensá-lo em sua efetiva realidade concreta.

Que realidade é essa? A consciência? Então a pedra pensa, o gato pensa como o homem? Evidentemente não, se por «gato» e «pedra» queremos dizer o gato e a pedra que a ciência e a visão objetiva descrevem. O exame objetivo estabelece um gato objetivo — um mamífero, de quatro patas, dotado de um cérebro assim e assado, de um sistema nervoso assim e assado etc. etc. Esse gato, evidentemente, não é consciência. Mas este é o gato *para a ciência,* o gato *para* a consciência objetiva *humana,* o gato abstrato e genérico, e não

este gato específico, único, irredutível a outro gato. O gato genérico é um gato universal e necessário, redutível a certas uniformidades com os outros gatos. *Este* gato específico e único, ao contrário, resulta de um agrupamento *altamente improvável* de fatores constituintes; ele é único justamente porque não se *reduz* a leis, objetivas, e genéricas; neste sentido, é um «eu». Tudo quanto é real e concreto, individual, irredutível, é um «eu», algo que não só emite, mas recebe significados. Todas as coisas *reais* são assim. As coisas da ciência é que não. Mas a ciência não se ocupa com «as coisas» e sim com «o lado objetivo das coisas» que é *precisamente o que elas não são* em si mesmas. A ciência não descreve «o mundo», descreve «o avesso do mundo». Nas palavras de Aimé Michel: *A diferença que há entre os «seres» desprovidos de um «eu» e os verdadeiros seres é a mesma que há entre 500 mil caracteres tipográficos espalhados sobre uma mesa e os mesmos caracteres sucedendo-se ordenadamente num romance de Tolstoi.*

O «ser» descrito pela ciência é um agrupamento de caracteres ordenados não segundo a sua organização real e concreta, mas segundo a organização da mente humana. O «ser» verdadeiro tem os mesmos caracteres, mas ordenados na e pela realidade de modo diverso. A ordem da realidade efetiva e concreta está para a descrição científica assim como o romance está para os caracteres espalhados, ou seja: abstraídos. Os caracteres abstratos são «objetos»; o ser verdadeiro é um *aqui-agora*, irredutível e irrepetível, uma totalidade significante, uma consciência, um eu.

A gnose — escreve Raymond Ruyer — *toma a contrapêlo o cientificismo materialista. Todos os seres são conscientes, significantes, ou, antes, cheios de sentidos, recebem e passam informação. Não somente seu «corpo» (seu avesso visível) não passa de um aspecto superficial que se oferece a um observador exterior, como também, na verdade, eles não têm corpos, eles não são corpo. Eles se vêem uns aos outros e, vendo-se, transformam-,re mutuamente em coisas vistas.*

Consciência de ser

O homem é o exemplo mais flagrante dessa nova concepção de «ser». Ele se vê interiormente, ele tem consciência de ser. Ao mesmo tempo, pode ver seu corpo como objeto exterior, assim como vê os outros homens e as realidades do universo. Mas, para a gnose, a consciência humana não é uma exceção num universo de meros objetos, mas a chave, o caso exemplar de toda a realidade universal, que obedeceria à mesma lei de um *interior-em-si-e-para-si* e um *exterior-para-o-outro* (ou para si *enquanto* observador). Se a

ciência descreve o exterior, o «avesso» das coisas — do mesmo modo como pode descrever o avesso, o exterior do homem, sem por isto negar-lhe um interior —, então, é preciso reconhecer que as coisas, cada coisa, possui seu interior, seu «direito» .

Ora, esse «direito» é difícil de perceber. Não se pode ver uma consciência. Pode-se apenas *participar* dela. A *participação* é uma idéia fundamental da gnose. Exemplo: o animal que cumpre ferozmente os ditames do seu instinto. Quando os filhotes de certas aves caem do ninho e, do galho vizinho, piam desesperados, a mãe imediatamente os estraçalha: o instinto lhe determina tão violentamente que deve exterminar tudo quanto se mova perto do ninho, que ela obedece cegamente, sem perceber que está matando os próprios filhos. Ela participa de uma lei geral, mas não tem a menor consciência dos objetivos dessa lei no plano mais amplo da natureza; sabe apenas cumpri-la, participar dela de maneira feroz e direta. O observador sabe que essa maneira é desastrada — mas ele não *participa* da lei. Ele vê apenas o avesso do comportamento do pássaro (sua relação com uma norma exterior), mas não o seu direito: a compulsão irresistível de cumprir cegamente a lei do instinto. Konrad Lorenz sabe mais sobre o avesso dos gansos do que todos os gansos do mundo. Mas nunca foi ganso. Não tem a menor idéia do «direito», do interior do ganso, deste ganso específico. Neste sentido, o pressuposto objetivista tem de ser completado pelo pressuposto subjetivista: tudo tem um interior. O interior do ganso não é nem mais nem menos inacessível ao observador do que o interior do homem. Escreve Aimé Michel:

Dois jovens que se olham sorrindo e se tomam as mãos têm, acaso, consciência do eterno impulso que os une? Romeu, subindo em sua escada, tem acaso consciência da infinitude dessa outra escada onde tudo o que existe não cessa de subir desde a explosão inicial? Entretanto, é bem o plano desta última escada que ele cumpre, sem saber, e com tal ardor que termina por morrer. No breve clarão de sua vida, terá participado, com todo o seu ser, da gestação cosmo lógica que o ultrapassa infinitamente.

Para ter uma consciência, um interior, basta existir, pois existir é cumprir um propósito que transcende um objeto isolado, é participar de um propósito, é assumir, incorporar, encarnar um significado. Observar é relacionar um propósito com outro propósito, e isto seria impossível se cada ato de cada ser, se cada objeto não estivesse pleno de sentido, não recebesse e transmitisse informação, não tivesse um aqui-agora, um «eu» por baixo da sua objetividade superficial.

RAYMOND RUYER

LA GNOSE DE PRINCETON

des savants à la recherche d'une religion

FAYARD

Raymond Ruyer, autor de *A Gnose de Princeton*

O panpsiquismo renovado

Esse é o ponto básico da gnose de Princeton: o panpsiquismo renovado. O universo, segundo os neognósticos, não é composto de objetos materiais, nem de energias, mas de campos de consciência. E isto é, na realidade, uma transcrição, em termos modernos, da gnose tradicional. Nas palavras de Ruyer:

A tese fundamental da nova gnose é a de toda gnose. O *mundo é dominado pelo Espírito, feito pelo Espírito, ou por Espíritos delegados.* O *Espírito encontra (ou antes cria para si mesmo) uma resistência, uma oposição: a Matéria.* O *homem, pela ciência, mas por uma ciência superior, transposta ou espiritualizada, pode chegar ao Espírito cósmico e, se for sábio e inteligente, encontrar a Salvação.*

Neste momento, alguns dos mais avançados pesquisadores das universidades norte-americanas estão empenhados precisamente em construir essa ciência superior, que já não é um simples apanhado de observações sobre objetos exteriores destituídos de sentido, mas — como a ciência dos estóicos — um. caminho para a sabedoria, a vida harmônica e a salvação.

Eles não recorrem à intuição mágica, e permanecem firmemente atados ao método científico. Eles não fazem proselitísmo, e mantêm sua seita num estado, segundo Ruyer, «discreto, se não secreto» (o livro de Ruyer é até o

momento a única informação a respeito). Não crêem que seja possível popularizá-la, nem que isto consistisse, no momento, um remédio eficaz contra as misérias do mundo. Ao contrário da maioria dos intelectuais americanos, não se julgam especialmente dotados de uma mensagem apta a salvar o gênero humano. Unicamente, à maneira dos estóicos, constroem pacientemente, e em silêncio, uma cidadela invencível contra o cinismo e o caos.

Reinventar a regra

Para os neognósticos, esse silêncio é fundamental. Eles repudiam todo simbolismo e todo ritualismo, e julgam que a iniciação religiosa deve ser de iniciativa individual, que cada um, por si, deve *redescobrir — ou reinventar – a Regra.* Com um humor tipicamente norte-americano, chegaram a inventar um jogo de cartas que simboliza essa situação: o banqueiro de jogo estabelece uma regra a escreve num papel; os demais jogadores vão depositando cartas sobre a mesa, que são aceitas ou recusadas pelo banqueiro, conforme se enquadrem ou não na regra, até que um deles descubra que regra é esta e possa, assim, vencer o jogo. Não havendo fórmulas explícitas, o indivíduo tem de dar o máximo de si e agir com independência — o que torna a gnose de Princeton, de certo modo, uma seita aristocrática, que só serve para aqueles poucos que aceitam o risco e a incerteza — precisamente as coisas contra as quais o dogmatismo das religiões populares oferece proteção.

Por outro lado, a recusa do objetivismo é também uma recusa do antropocentrismo: o mundo deixa de ser «um subproduto da nossa maneira de construí-lo» e passa a ter uma existência própria, que transcende o homem, antes exigindo que este se submeta às leis universais. Para os neognósticos, o pensamento humanístico mais avançado, representado na psicanálise e no marxismo, é ainda um antropocentrismo, que põe um fato humano — a dialética histórica, a libido — no centro da interpretação da realidade, ao invés de situar o homem em seu posto humilde de símio bem-sucedido no imenso conjunto das leis cósmicas.

Salvação individual

Tanto esta recusa do antropocentrismo quanto o caráter «aristocrático» da gnose de Princeton levam-na a insistir antes na salvação individual (cada indivíduo tem de aprender por si a obedecer a lei cósmica) do que na reforma social. Os neognósticos julgam que não se pode inventar uma sociedade,

como não se pode construir um organismo em laboratório. Mas pode-se fabricar moléculas pré-orgânicas, o rudimento de um organismo, mediante a «sopa de Miller» (mistura de hidrocarburetos e amoníaco no qual Urey e Miller conseguiram produzir aminoácidos). Do mesmo modo, pode-se, mediante uma *religião básica* como a gnose, experimentar em dimensão microscópica novas formas de convivência humana — uma espécie de «sopa de Miller» social — que talvez amanhã sirvam para a orientação de toda a sociedade, para a construção de uma política cosmocêntrica, o inverso da cosmovisão politicocêntrica que hoje justifica todas as tiranias e todas as misérias.

Esse é o sentido da sabedoria prática desenvolvida pelos neognósticos: experimentar, como em laboratório, uma vida plena e dotada de sentido transcendente, (entretanto, sem misticismos nem ritualismos): a verdadeira religião, a verdadeira ligação entre o homem e o cosmos. E isto é certamente mais proveitoso do que fabricar mais uma ideologia, ou seja, mais uma teoria falsa.

1. *La Gnose de Princeton,* Ruyer Raymond, Fayard, Paris.

http://www.olavodecarvalho.org/textos/fedeli2.htm

Mais um golpe de teatro do charlatão Orlando Fedeli

Professando demonstrar que sou um autor que "não merece muita atenção", o sr. Orlando Fedeli, não obstante, acaba de conceder à minha obra e à minha pessoa a imerecida atenção de um estudo de 160 páginas, o mais extenso que já se fez sobre elas até hoje.

Na verdade, não se trata propriamente de um estudo. O sr. Fedeli não "estudou" a minha obra. Estudar uma filosofia é discernir nela os princípios fundamentais e suas aplicações contingentes, os conceitos formais e as figuras de linguagem que os expressam, o objetivo do conjunto e os caminhos, indefinidamente variados e casuais, que a ele conduzem. O sr. Fedeli não fez nada disso com os meus escritos. Apenas ciscou neles – com a acuidade

filológica de uma galinha – indícios de gnosticismo que pudessem me incriminar no processo de heresia que ele me move no tribunal eclesiástico da sua imaginação.

Não deixa de ser significativo que a acusação e a sentença final do processo fossem anunciadas bem antes de que o autoconstituído inquisidor começasse sequer a juntar os autos.

O resultado -- que o autor dirige a seu "muito prezado Felipe", como fez com alguns de seus escritos anteriores -- divide-se em dez capítulos. Ao fim do primeiro, o sr. Fedeli conclui que sua tese já está demonstrada e sua polêmica contra mim devidamente encerrada. Então seguem-se nove capítulos suplementares, que, destinando-se apenas ao socorro dos leitores menos esclarecidos, nada acrescentam, segundo o sr. Fedeli, à essência da demonstração principal, dada como líquida, certa, provada e definitiva já no começo da obra.

Considerando-me ainda mais indigno de atenção do que me julga o sr. Fedeli, abdico, pois, da vaidade de examinar as extensões pedagógicas, e atenho-me ao exame do que ele mesmo declara ser o essencial.

Texto-Confissão de Olavo de Carvalho

"De fato, a existência de uma gnose ou philosophia perennis mostra que a religião e o dogma não são a última palavra em matéria de espiritualidade, e que a "fé" tende, em última análise, a desembocar num conhecimento direto que elimina toda a necessidade de "crença", pois traz uma certeza, nas palavras de Guénon, 'mais forte ainda que uma certeza matemática'" (Olavo de Carvalho, "A Autoridade Abalada. A Crise do Catolicismo" - II, in *Planeta*, no. 111, Dezembro de 1981, p. 27).

Muito prezado Felipe, salve Maria!

Inicialmente, permita-me algumas palavras sobre a epígrafe que coloquei nessa carta, usando um Texto-Confissão do sr. Olavo de Carvalho. Bastaria esse texto, para provar que tanto ele, quanto Guénon, são gnósticos mesmo.

Pois, segundo Henri-Charles Puech: "Chama-se ou pode-se chamar "gnosticismo" - e também "gnose" - toda doutrina ou toda atitude religiosa baseada na teoria ou sobre a experiência de obtenção da salvação pelo Conhecimento"(Henri-Charles Puech, En Quête de la Gnose, Gallimard, Paris, 1978, vol. I p. 185).

Deduzir, da afirmação da existência de um conhecimento superior à fé, a crença numa "salvação pelo conhecimento", é um autêntico *non sequitur.* "Salvação pelo conhecimento" é, aliás, uma expressão autocontraditória, que bem caracteriza a natureza paradoxal da heresia gnóstica. Se conhecer a Deus trouxesse a salvação, o demônio estaria salvo. Pretender que eu tenha apregoado a "salvação pelo conhecimento" é falsear propositadamente os meus textos. A superioridade essencial do conhecimento em relação à fé é coisa auto-evidente, afirmada na definição mesma da fé, e só uma completa falta de

discernimento filosófico aliada a uma boa dose de malícia pode deduzir daí que eu esteja afirmando a possibilidade de chegar a esse conhecimento por outra via que não pela fé ou, pior ainda, sem fé. Aqui, como em muitos outros casos, o sr. Fedeli muda o sentido das minhas palavras, dando ares de coisa escandalosa a uma afirmação óbvia e até banal. A "superioridade" a que me refiro é de ordem intrínseca e ontológica e não funcional e metódica: o que digo é simplesmente que saber é mais do que crer, e não que, enquanto método da vida espiritual, o saber tenha mais eficácia salvífica do que a fé. No mínimo, sem fé não se chega sequer à possibilidade do conhecimento espiritual, e por isto este último é "superior" à fé no sentido em que a meta transcende o caminho, assim como a fé é "superior" enquanto caminho sem o qual não se pode chegar à meta, isto é, como exigência metódica que a simples busca do conhecimento pela razão natural – ou por qualquer meio "esotérico" que se possa conceber -- não pode substituir. Também é certo que o conhecimento espiritual é um dom gratuito de Deus ao homem que têm fé, mas por isto mesmo seria loucura proclamar que esse dom vale menos do que a fé que o possibilitou. No limite extremo, essa proclamação equivaleria a dar um sentido blasfematoriamente literal à expressão de Cristo "Tua fé te salvou", proclamando que quem cura é a fé e não Cristo – e não é preciso dizer que é a isso que leva, em última instância, a afetação fedélica de escândalo ante o que digo sobre a fé. (É verdade que, num dos capítulos suplementares, o sr. fedeli, amputando do seu contexto imediato uma frase que encontrou numa transcrição de fita, aliás não revista pelo autor, fez de um rompante meu contra a idolatria kantiana da fé uma declaração de guerra contra a fé no sentido mais geral e católico do termo. Mas isso nada revela sobre meu pensamento, e sim sobre a canalhice da sua interpretação fedélica, toda fundada no artifício de jogar a letra contra o espírito.)

Um dos mestres de Olavo confirma que esse Conhecimento superior é a Gnose: "O conhecimento direto e interior, o do Coração-Intelecto, é o que os gregos denominavam gnose; a palavra 'esoterismo' - segundo sua etimologia - designa a gnose, na medida em que está *de facto* subjacente às doutrinas religiosas, portanto dogmáticas." (Frithjof Schuon, *O Esoterismo como Princípio e como Caminho*, Ed. Pensamento, p. 11-12)]

O sr. fedeli confunde propositadamente o termo *gnose*, tal como usado genericamente por mim -- e aliás também por Clemente de Alexandria -- com uma de suas acepções em particular, que é a da heresia gnóstica definida pelos Padres.

Ademais, de onde esse sujeito extraiu a idéia de que Frithjof Schuon é "um de meus mestres"? Recebi algum ensinamento desse místico suíço durante os anos de 1986-87, mas não sou seu seguidor ou discípulo em sentido nenhum dos termos.

E Schuon explica que "A diferença entre crença e Gnose - a fé religiosa elementar e a certeza metafísica - é comparável àquela que existe entre uma descrição e uma visão" (Frithjof Schuon, *Comprendre L' Islam*, p. 173).

O que espanta é que o homem que escreveu o que coloquei em epígrafe, venha desafiar que se prove ser ele um gnóstico. Ou ele está delirando, ou não tem memória, ou espera que os outros não a tenham.

Delirante é o sujeito que não percebe diferença entre a fé religiosa e a visão mística. É absurdo pretender que Sta. Teresa, quando teve Jesus diante de si, não o conhecesse senão "pela fé". A fé pode tê-la conduzido até lá, mas reduzir sua visão de Cristo a um conteúdo de fé, negando-lhe o estatuto de conhecimento, seria blasfêmia pura e simples. Aqui, novamente, o sr. Orlando fedeli falseia maliciosamente o sentido dos conceitos. Tanta é sua vontade de difamar, que não hesita em se apegar, para isso, mesmo ao absurdo mais patente.

E ainda ele me exige que prove ser ele um gnóstico, sob pena de me considerar "um impostor"!

"Impostor", conforme ensina até o "pai dos burros", é aquele que abusa da confiança de outrem para enganá-lo, por meio de palavras, ou atitudes. E o dicionário dá como sinônimos de impostor as palavras mentiroso, ou charlatão.

Quanto mais o sr. Fedeli consultar o seu pai, mais razão este me dará. Como se acaba de ver pelos parágrafos acima, o sr. Fedeli abusa da confiança de seus discípulos para induzi-los em erro e torná-los cúmplices ao menos passivos da difamação de um inocente. Mentira, impostura e charlatanismo são termos igualmente apropriados à descrição desse empreendimento.

Tendo em conta o que diz o texto citado, fica patente que impostor não sou eu, pois minha acusação de que ele é gnóstico não era nem falsa, nem mentirosa.

Sua acusação -- repito -- é apenas um hábil jogo de palavras, destinado a dar a um uso muito genérico do termo *gnose* o sentido específico e limitado que possui na definição da heresia gnóstica.

Nada adianta ele declarar agora que o que escreveu antes de 1995 não vale mais.

Nunca declarei isso, exceto a propósito de um texto em particular, o artigo sobre a Gnose de Princeton publicado em *Planeta.* Dos demais, afirmei apenas que meus escritos que circulavam em edição restrita ou privada -- sem falar de antigos trabalhos jornalísticos menores e de ocasião -- não expressavam a forma mais estabilizada que tenho dado a meus pensamentos em obras posteriores, de mais ampla circulação; que esses escritos, portanto, deveriam ser postos entre parênteses até que eu tivesse a oportunidade de reexaminá-los e corrigi-los para uma edição maior. Assim, tomá-los como expressão cabal do meu pensamento maduro é usurpar o meu papel de autor e falar indevidamente em meu nome. Até mesmo na pura esfera editorial o critério da "última vontade expressa do autor" impera como regra elementar da confiabilidade científica dos textos. Quanto mais, então, não deve predominar na interpretação que se faça deles, principalmente quando dessa interpretação se pretende tirar conseqüências desfavoráveis ao autor! A violação sistemática e despudorada dessa regra já mostra a intenção perversa e a completa desonestidade intelectual do sr. Fedeli. Como explicar de outra forma a omissão sistemática de toda crítica de fontes, cuja criteriosa observação seria, num historiador de profissão, o primeiro e o mais elementar dos deveres? De fato, todos os documentos, todos os indícios, independentemente de qualquer distinção crítica entre livros publicados, transcrições não

revistas e até escritos postos em quarentena pelo autor, são assumidos pelo sr. Fedeli como igualmente probantes, desde que concorram para a confirmação da sua tese, ou igualmente desprezíveis, caso a impugnem. Se esse procedimento não é tolerável nem numa simples pesquisa histórica, sem efeitos práticos na ordem moral, quanto mais abusivo ele não há de ser num "processo" montado para danar a reputação de um homem!

Até hoje, ele afirma que há algo superior à fé e às crenças de todas as religiões - a "Tradição" primordial - núcleo comum a todas elas. Esse núcleo ele mesmo o chamou de Gnose. E é esse suposto núcleo que permite a ele dizer-se, ao mesmo tempo, católico-judeu-islâmico.

A existência desse núcleo não é uma doutrina: é um simples fato empírico, facílimo de comprovar (cf. Whitall N. Perry, *A Treasury of Traditional Wisdom*, Pates Manor, Bedfont, Perennial Books, várias edições). Chamá-lo gnose, tradição, sabedoria perene, filosofia perene ou qualquer outra coisa é absolutamente indiferente. Todo homem que, além de conhecer esse fato, admita a veracidade intrínseca e essencial do referido núcleo de princípios é um "gnóstico", no sentido lato em que porventura caiba chamar-me assim, e *por isto mesmo* não pode ser um gnóstico no sentido específico em que o sr. Fedeli me acusa de sê-lo, de vez que a heresia gnóstica, por seu dualismo e sua revolta prometéica contra a ordem divina, nega frontalmente esses mesmos princípios. A rigor, os dois sentidos do termo não guardam entre si uma relação de gênero e espécie, pois *gnose* significa "conhecimento" e a heresia gnóstica não é propriamente conhecimento e sim falso conhecimento; e é para designar esta diferença que alguns autores empregam a distinção de *gnose* e *gnosticismo*, se bem que outros a assinalem de outras maneiras.

Como não adianta, também, ele querer distinguir gnose de gnosticismo antigo, porque o que dizia o gnosticismo antigo era exatamente isso: que a Gnose era um conhecimento superior à fé.

Novamente, o sr. fedeli manipula as palavras, querendo dar à constatação – aliás auto-evidente – da existência de um conhecimento superior à fé o sentido de uma afirmação da "salvação pelo conhecimento". O conhecimento pode ser superior à fé pela certeza direta do seu conteúdo, mas isto obviamente não implica – nem eu jamais disse – que ele possa, por si, trazer a "salvação".

E você vê, caro Felipe, que H. C. Puech - um dos maiores especialistas no assunto - no texto acima citado, toma Gnose e Gnosticismo como termos equivalentes, para não dizer sinônimos.

Mais uma manipulação semântica do sr. fedeli. Que Puech use os termos como equivalentes não implica, obviamente, que eu faça o mesmo. Nada autoriza o leitor a interpretar os termos de um autor numa acepção diferente, encontrada em outro autor, principalmente se este não é jamais citado pelo primeiro.

Sobre esse ponto, veremos adiante outros textos de Puech confirmando que os melhores especialistas atuais, tendo em vista as descobertas e estudos mais recentes, usam Gnose e gnosticismo indiferentemente (Cfr. Puech, op. cit., vol I, pp. 187 e seguintes).

É verdade, mas a generalidade do uso lingüístico de um termo nada prova quanto aos objetos designados por ele.

Diante deste Texto-Confissão de Olavo, são ociosas outras provas de que ele é um gnóstico, pois a confissão do acusado dispensa outras investigações.

Os termos "acusado" e "confissão", obsessivamente repetidos pelo sr. fedeli, denotam apenas o sentido de teatrinho inquisitorial que ele quer dar a esta polêmica, atribuindo a mim o papel de réu e a ele próprio o de inquisidor e *defensor fidei*.

Mediante esse curioso giro estilístico, ele transporta o leitor, por instantes, à atmosfera de um tribunal do Santo Ofício, onde testemunham o drama judicial do qual o réu sairá condenado não somente à danação eterna mas também à penalidade temporal da fogueira.

Mas essa atmosfera é, evidentemente, fictícia. Nem o sr. Fedeli tem o poder de condenar ou salvar quem quer que seja, nem eu estou em julgamento. A sentença a ser lavrada no final da encenação não será assinada senão pelo círculo de discípulos do sr. Fedeli, e nenhuma penalidade temporal ou celeste me será imposta exceto na imaginação dessas pessoas, o que não é decerto uma perspectiva especialmente atemorizante.

Não existindo nem neste mundo nem perante o Altíssimo, o tribunal ante o qual o sr. Fedeli me acusa só pode adquirir alguma realidade mediante um certo esforço de imaginação dos seus leitores, e é com a finalidade de secundá-los nesse esforço que ele emprega reiteradamente aquelas figuras de linguagem, emprestadas do jargão tribunalício.

É evidente que um autor que pretenda investigar a verdade não começa jamais por transportar seus leitores a uma situação de discurso tão distante da situação real, nem muito menos por dar a esse simulacro, mediante truques de estilo, uma espécie de "segunda realidade", como diria Robert Musil.

Também é certo que essa camuflagem geral da situação de discurso não poderia ter a mínima eficácia se, nos detalhes da discussão empreendida, não se sustentasse numa infinidade de falseamentos menores, indefinidamente variados na técnica e no tom, mas, no conteúdo, repetitivos como cacoetes, cujo efeito acumulado produz, no fim, uma falsa impressão de verossimilhança.

Desses cacoetes, destaco apenas um. Esse traço surpreendente do estilo fedélico de escrever é sua tendência compulsiva de trocar os sujeitos das minhas frases. Digo, por exemplo, que com tal ou qual argumento ele "cortou seu próprio pescoço" – e ele entende que eu estou ameaçando cortar o seu pescoço. Digo que seus alunos estão assustados e perplexos – e ele entende que o estou acusando, a ele, de assustar *os meus* alunos.

Com a mesma freqüência com que troca o sujeito gramatical das frases, ele troca também o sujeito lógico das relações, como se viu nos exemplos acima.

Esses procedimentos lingüísticos anormais denotam aquilo que em psiquiatria se denomina "delírio de interpretação", um sintoma que, se não comprova doença mental, constitui forte indício daquela deformidade de consciência que se conhece como *sociopatia*, e que é a marca inconfundível dos líderes pseudo-religiosos milenaristas, dos falsos profetas e dos revolucionários gnósticos.

Nenhum homem inspirado pelo *amor Dei* jamais sairia apregoando acusações de heresia com a pressa indecente e o apetite de escândalo do sr. Fedeli. A própria Inquisição jamais montava um processo público, mesmo contra algum herético notório, sem antes enviar um representante qualificado para conversar longamente com o suspeito, em privado, seja para certificar-se de suas intenções, seja para demovê-lo de suas convicções, se consideradas errôneas. O sr. Fedeli, em vez disso, mantém-se a uma protegida distância, usando seus discípulos jovens e imaturos como espiões para ciscar pedaços de conversas, enquanto ele, na obscuridade da sua toca de serpente, prepara o bote.

Não, nada disso pode ser inspirado pelo amor a Deus. É preciso ser totalmente desprovido de discernimento espiritual para não perceber que, desde os tempos em que conspirava para arrebatar a liderança da TFP ao falecido Plínio Correia de Oliveira, o sr. Fedeli é movido por uma única paixão: a *superbia*, a *libido dominandi* de um chefe de seita.

Com isso, a polêmica, de fato, está encerrada, e ele nem precisa responder-me mais qual é a religião dele, nem se Guénon é gnóstico.

De fato não preciso responder-lhe mais nada, Orlando Fedeli, exceto que você é um farsante, um santarrão, um aproveitador da boa fé de seus discípulos e, em toda a linha, uma mentalidade perversa de sectário.

Seu intuito declarado de destruir uma reputação e os meios desonestos que põe em ação para esse fim não apenas são indignos de um homem da Igreja mas estão abaixo até do que a moral laica permite a um intelectual mundano.

Olavo de Carvalho